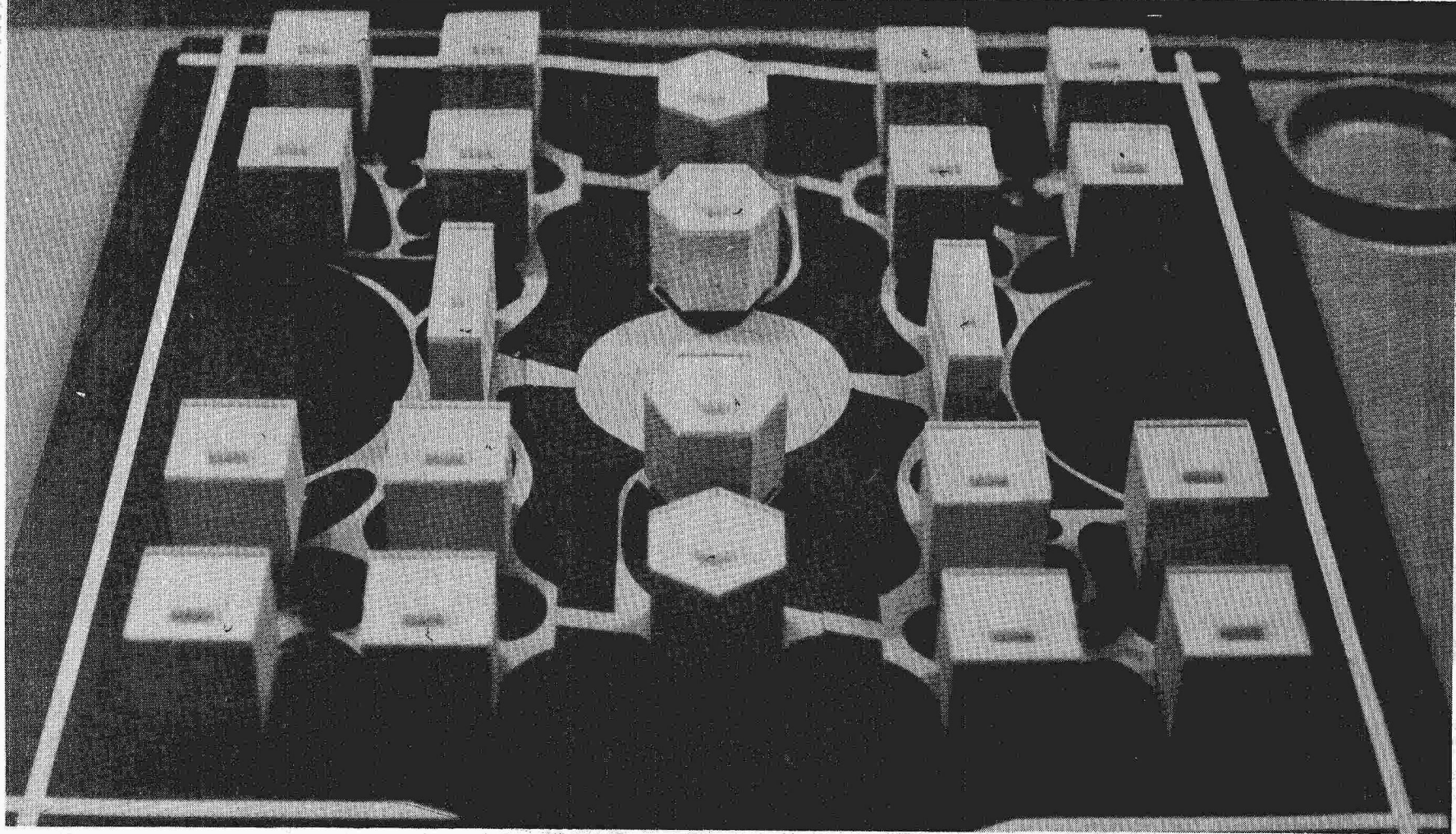




SUPERQUADRA

Feche os olhos por alguns minutos e tente imaginar uma superquadra sem carros circulando, sem ruídos de descargas, freios, buzinas, batidas de portas, sem perigos de atropelamento e sem asfalto. Só gramados, playgrounds e passeios. Conseguiu descobrir alguma coisa? É provável que não, porque ainda que se procure é muito difícil dissociar a circulação do pedestre da circulação do automóvel, aquele membro da família, de quatro rodas, que é a solução e o problema da cidade.

Um arquiteto que mora aqui desde 1960, em uma dessas buscas por um sonho acordado, conseguiu, entretanto, isolar o vírus automobilístico do organismo de uma superquadra - a futura SQN 211 - sem, no entanto, excluí-lo do dia-a-dia e da disposição direta dos que lá viverão, possivelmente dentro de um ano e meio. Os moradores, serão funcionários do Banco do Brasil, chefes de famílias cuja renda, em geral, é suficiente para manter pelo menos um carro e todos os hábitos dele decorrentes.

Gladson da Rocha, 56 anos, "muito pouco para um arquiteto": segundo sua definição projetou a 211 Norte, só aprovada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Governo atual, depois de cerca de um ano de lutas. A quadra terá 22 blocos, o dobro de uma superquadra convencional, mas que somados, ocupam o mesmo espaço dos 11 de uma superquadra conhecida. Vinte desses blocos são quadrados e dois retangulares, o que produzirá como resultado final uma economia de 30 elevadores.

A SQN 211 terá apenas uma entrada, como todas as outras. A diferença está em uma pista perimetral circulando toda a sua área e liberando a totalidade da superfície para os pedestres. Os moradores alcançarão seus elevadores de carro mesmo, penetrando em garagens coletivas subterrâneas, até às vagas correspondentes a cada apartamento, próximas às prumadas respectivas. A superfície abrigará, além dos passeios, playgrounds, duas escolas, os edifícios e uma praça central, que será o ponto de encontro dos moradores. Uma espécie de estar coletivo.

Em entrevista exclusiva ao CB Revista, o arquiteto Gladson da Rocha revela todos os detalhes da superquadra que criou, onde as pessoas ficarão por cima e os carros por baixo porém disponíveis. Eis o relato:

CB - Em que consiste o seu projeto?

Gladson da Rocha - Consiste em um planejamento de maneira que se possa obter um sistema de circulação de tráfego motorizado simples e ordenado com vistas a permitir o tráfego livre para pedestres na totalidade da superfície. As vias pavimentadas cedem lugar ao paisagismo total, oferecendo ao morador plena posse do Espaço Concebido para a sua Superquadra. Em substituição às garagens isoladas de cada bloco de apartamentos, a circulação e o estacionamento na superfície, agrupou-se a circulação e o estacionamento de automóveis em garagens coletivas, que abrigam no subsolo as vagas necessárias para o conforto de seus usuários. Embora com a mesma taxa de ocupação, que é uma das normas da construção de superquadras, ela tem o dobro do número de Blocos.

CB - Quais as vantagens dessa solução, além da liberação da superfície da quadra para os pedestres?

Gladson da Rocha - A vantagem dessa solução é que se faz também uma economia de 30 elevadores. Porque sendo o bloco quadrado, com acesso central, um elevador abastece a quatro apartamentos por andar, enquanto que nos blocos longitudinais se abastece somente a dois elevadores por andar. Assim, com essa solução baixa-se à metade o uso do elevador.

CB - Com relação aos custos de construção, ela fica muito mais cara do que as superquadras convencionais?

Gladson da Rocha - Ao contrário, ela fica mais barata. A economia de 30 elevadores que representa pelo menos 20 milhões de cruzeiros. Fora a economia que se fará durante a vida toda na manutenção desses 30 elevadores. Quanto à construção, a área é a mesma, a taxa de ocupação é a mesma, o preço de custo vai variar de acordo com o material empregado na construção. É tudo muito simples no que se refere à estrutura, não tem transição, os pilares que começam na garagem vão até em cima. Isso diminui o custo. As fachadas

dos edifícios serão revestidas com placas de concreto pré-moldadas, na obra mesmo, e o piso também, com o mesmo desenho. Em vez de comprar as placas prontas, a gente faz na obra, fica mais barato.

CB - Qual a dificuldade para a aprovação do projeto?

Gladson da Rocha - De fato, essa superquadra não teria que ir ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo, porque está escrito no Código de Obras que quem tem uma superquadra inteira pode apresentar um projeto diferente, desde que assuma os ônus do novo registro em cartório e que se obedeça a taxa de ocupação do projeto anterior. Para o Conselho, deveriam ir somente projetos cujas especificações não constassem do Código de Obras e portanto necessitassem de decisões superiores. Mas, o governo passado não sabia o que era um Plano Diretor. Negaram aprovação à superquadra, uma das vezes, dizendo que eu estava modificando o Plano Diretor de Brasília. Isso foi um despacho do Conselho de Arquitetura e Urbanismo. Na minha opinião, para ser membro de um conselho desse tipo, não basta ser arquiteto, tem que ser um arquiteto com muita vivência provada na prancheta durante 15, 20, 30 anos, pelo menos, porque assim, ele sabe, pelo trabalho que realizou, pelas obras que tem, o que é um espaço bem concebido, então pode julgar.

CB - Em que outros projetos você tem trabalhado?

Gladson da Rocha - Eu tenho projetos de casa populares, para atender a pessoas de baixíssimo salário, salário-mínimo, em que tem uma casa com 34 metros quadrados, com três quartos, sala, banheiro e cozinha. Nessa casa podem morar de seis a dez pessoas confortavelmente instaladas. Uma casa de piso, parede e cobertura de tijolo à vista. É claro que são três quartos mínimos, mas é uma casa para pessoas que não têm nem para comer, como é que vão pagar uma casa que tenha mais do que isso? Infelizmente, e não sou eu quem diz isso, em nosso país existem 40 milhões de pessoas sem teto. Então, quanto menor for a casa, sem prejuízo do conforto, porque uma casa pequena não quer dizer uma casa desconfortável, menor será o seu custo.

CB - Já existe alguma dessas casas construída?

Gladson da Rocha - Há apenas o protótipo, em Sobradinho. O interessante, é que com os tijolos aparentes, quanto mais a casa envelhece mais bonita fica.

CB - E com relação a Brasília, quais são os problemas que você vê? Gladson da Rocha - A ideia do Lúcio Costa para Brasília ainda não foi bem traduzida, inclusive ele recomenda diversificação e o que houve foi repetição, de tal forma que se tornou monótono. Na Asa Sul, repetiram muito os projetos. Acho que devemos criar sempre, eu queria até embarcar em algo muito mais avançado, mas arquiteto não pode, e essa é a grande tragédia dos arquitetos, porque ele precisa da encomenda. O pintor, para fazer sua obra pega uma tela, tintas, e faz; o escritor, pega um pedaço de papel e um lápis e realiza sua obra; mas o arquiteto não. Ele pode fazer o mais belo projeto do mundo, mas se não for construído, jamais será arquitetura.

CB - E com relação ao contexto geral de Brasília? Gladson da Rocha - Brasília ainda soma algumas coisas no Contexto geral. Apesar de algumas coisas estarem estragadas, o pensamento de Brasília como um todo ainda soma. O projeto original foi desvirtuado. Nenhuma cidade vive só, isolada, ela tem que ser parte de um contexto, e, no que se refere a Brasília, esse contexto está vindo abaixo,

começando pelas cidades-satélites. O plano de urbanismo, aquilo que era chamado anteriormente de Plano Piloto, que não existe mais, embora as pessoas continuem utilizando esse nome, foi modificado em várias partes, algumas delas graves como é o caso da W/3. O pensamento principal do início é Brasília como centro de uma região. Esse pensamento veio abaixo quando fizeram a fixação do Núcleo Bandeirante, e por aí foi...

CB - Mesmo com essas modificações Brasília ainda é uma cidade viável? Gladson da Rocha - Brasília agora está mostrando os resultados daquilo que se pensou há 20 anos passados no traço, no



Gladson da Rocha

papel. A cada passo que se anda se está testando as coisas, e, ao testar, você está aprendendo, eliminando aquilo que não serve e aproveitando o que serve. É uma experiência que continua válida, mais do que válida. Algumas pessoas, no entanto, acham que Brasília acabou, que não tem mais interesse. Provavelmente isso decorre do fato de que o pessoal que vem a Brasília espera encontrar aqui o paraíso da arquitetura contemporânea, e não é: Brasília é como outra qualquer cidade em que 98 por cento dos edifícios são ruins, as casas são ruins. Mas tem em Brasília uma coisa excepcional que pouca gente observa, que é o fato de ela ter uma porcentagem de bons edifícios como nenhuma outra cidade do mundo tem. Isso em termos comparativos.

CB - Você quer dizer edifícios arquitetonicamente bons? Gladson da Rocha - Exatamente. Uma cidade como Londres, por exemplo, em que vivem dez milhões de habitantes, você anda a cidade toda e encontra um ou dois edifícios que te fazem parar. Você para um momentinho só e acabou. Você anda Nova Iorque todinha, e encontra dois ou três edifícios também representativos. Paris é a mesma coisa, tem talvez um. Mas Brasília, é uma cidade de 260 mil habitantes, onde existem seis exemplos que realmente somam no movimento contemporâneo mundial.

CB - Quais são esses seis exemplos? Gladson da Rocha - A obra do Oscar (Oscar Niemeyer). São edifícios que fazem parte do acervo mundial hoje. Essas obras cantam para você. Elas dizem "eu sou uma catedral", é o tom delas, expressivo. Quando eu voltei de Londres, onde passei dois anos fazendo curso e trabalhando em planejamento urbano, tinham terminado a construção do Palácio do Itamaraty. Quando eu vi a obra pronta, parei em frente e chorei...Chorei de alegria por saber que ainda existe gente capaz de criar formas no espaço tão belas e expressivas.

CB - Você acha difícil ser arquiteto?

Gladson da Rocha - Sim, porque a tarefa em si do arquiteto é fazer uma síntese de todos os valores. Ele tem que estar no centro de um estado do espírito recebendo as informações. Os valores trabalham para produzir aquilo que chamamos de Espaço Concebido. Em geral, há tendência de uma informação influir mais do que a outra. Assim, a gente vê um edifício bem construído, perfeito, os elementos certinhos, mas ele não canta para você, e a arquitetura tem que cantar. Ela só canta quando nasce como resultado de todos os valores ao mesmo tempo. Por isso é muito difícil ser arquiteto.